

Minas Gerais

QUEBRANDO TABUS E EMPODERANDO MULHERES NO SEMIÁRIDO

Aneli de Fátima Pereira, 45 anos, é agricultora, artesã, apicultora e construtora de cisternas. Ela é moradora da comunidade Quilombola de Faceira, localizada a aproximadamente 4 quilômetros do município de Chapada do Norte, em Minas Gerais (MG), onde vive com seus pais.

Desde muito nova, possuía muitas responsabilidades. Enquanto seus irmãos mais velhos migravam para o corte de cana em São Paulo, as mulheres ficavam com os pais para ajudar em casa e nas atividades da lavoura. A produção era diversa, milho, andu, quiabo, mandioca, feijão, limão e plantas medicinais. O excedente dos produtos era comercializado na comunidade e feira livre do município.

Com o tempo, a produção agrícola tornou-se a principal fonte de renda da família, levando-a a interromper os estudos para se dedicar exclusivamente aos trabalhos na agricultura. Somente aos 17 anos, ela retornou à escola concluindo o ensino fundamental, e em 2009 se formou no ensino médio.



Aneli em seu quintal

As oportunidades eram poucas, principalmente dentro da comunidade. Mas, em meados dos anos 2000, ela conheceu e se interessou pelo artesanato da palha do milho. Com o tempo ela foi se aprimorando na atividade, o que lhe proporcionou mais reconhecimento e divulgação do seu trabalho em feiras de exposições e eventos. Hoje, o artesanato se tornou sua principal fonte de renda. Aneli produz uma variedade de itens, como bolsas, porta-joias, bancos, namoradeiras, dentre outras peças utilitárias e decorativas.

Um dos maiores desafios surgiu em 1998, quando o córrego que abastecia a comunidade secou, deixando os moradores sem água. Aquele ano ficou marcado pelas dificuldades encontradas para a convivência com a estiagem. Como forma de amenizar os impactos socioambientais, ela participou de um mutirão com os moradores da comunidade, contando com o apoio do Centro de Agricultura Alternativa Vicente Nica (CAV), para construir uma cisterna comunitária, da qual fazia uso com mais quatro famílias próximas.



Aneli ao lado das cisternas

Em 2003, o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC) da Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA), através do CAV, unidade gestora, proporcionou às famílias cisternas para captação da água da chuva, com capacidade de 16 mil litros, destinadas ao consumo humano. Melhorando a qualidade de vida da família de Aneli. Em 2008, a família foi contemplada com a cisterna de 52 mil litros destinada à produção de alimentos, por meio do Programa Uma Terra Duas Águas (P1+2), também coordenado pela ASA. Isso possibilitou a ampliação da produção de hortaliças.

Durante o processo de construção de cisternas, os irmãos de Aneli trabalhavam como pedreiros e ela os auxiliava. Foi nesse período que eles a incentivaram a realizar o curso de capacitação de pedreiros para aprimorar os conhecimentos e construir sozinha.

“Eram muitas comunidades que tinham que ser atendidas e na época faltava pedreiro, foi quando eu comecei a construir”, comenta Aneli.

Junto com a construção também vieram as críticas e preconceitos com os quais ela teve que lidar.

“Uma vez eu fui em uma comunidade, e a primeira coisa que eu ouvi foi um monte de gargalhada, e todo mundo olhando para mim assustados e duvidando que eu dava conta. No dia seguinte, passou uma mulher e disse: — eu vim aqui ver, me disseram que era mulher e eu nunca vi mulher trabalhar”, relata Aneli.



Da esquerda para direita; Ana Maria (Irmã), Maria Soares (Mãe) e Aneli



Centro Quilombola de Faceira (ACDVF)



Artesanato da palha do milho

Com o tempo, ela foi se especializando e conquistando apoio da comunidade. Aneli se tornou um exemplo de resistência e seguiu firme no propósito até o encerramento do projeto (P1+2), deixando sua contribuição a várias famílias e comunidades.

Essa mulher de várias facetas, não parou por aí. Além de sua atuação na construção de cisternas, Aneli expandiu suas atividades. Em 2015, ela começou a trabalhar com a apicultura após realizar um curso de treinamento pelo CAV. Atualmente, ela comercializa o mel em feiras livre e cidades vizinhas, complementando a renda familiar.

O maior desejo de Aneli é repassar tudo que sabe para os jovens, para que a comunidade se fortaleça e a cultura permaneça.

“O que não pode é desistir, se eu tivesse desistido muita coisa não teria dado certo, tem que persistir”, finaliza Aneli.

Que possamos nos inspirar em sua linda história e disseminar seu legado. Viva as mulheres do Semiárido!